

EDITORIAL

NOVOS OLHARES SOBRE A FANTASIA

Dentre as vertentes do insólito ficcional, a fantasia é sem dúvida uma das que encontrou maior sucesso e potencial adaptativo. Na forma como a entendemos hoje, ela surge no final do século XIX e início do XX em um contexto essencialmente anglófono, com autores como o inglês William Morris (1834-1896), o escocês George MacDonald (1824-1905) e o norte-americano L. Frank Baum (1856-1919). Como ponto em comum a esses escritores, observamos a recuperação de elementos vinculados a categorias mais antigas como o Maravilhoso e a Utopia com a utilização de características muito próprias, como a criação de “mundos secundários” (característica das chamadas “altas fantasias” ou “fantasias imersivas”), isto é, de mundos autônomos ao nosso, que podem ou não ser acessados por meio de portais. Com a publicação das obras de J. R. R. Tolkien (1892-1973), a alta fantasia adquiriu os contornos com os quais a conhecemos hoje, impactando novas gerações de leitores e escritores e culminando em um fenômeno de grande impacto cultural e comercial.

No entanto, já em seus primeiros anos, o gênero logo se espalhou para outras paragens não anglófonas. Na França, podemos citar, por exemplo, o pioneiro romance *Les Centaures*, de André Lichtenberger (1870-1940), lançado em 1904, e apenas resgatado e republicado recentemente, em 2017. Já no Brasil, podemos observar traços do que poderíamos chamar de “protofantasia” no romance *A Rainha do Ignoto* (1899), de Emília Freitas (1855-1908). Atualmente, encontram-se obras associadas ao gênero nas mais distintas línguas. A fantasia logo se difundiu também entre as mais diversas mídias, nomeadamente, o cinema, as histórias



em quadrinhos, os desenhos animados, *role playing games* (RPG) e até mesmo ao teatro, e também se dividiu em variados subgêneros, categorizados ora a partir do grau de distanciamento do novo mundo criado em relação ao nosso (alta fantasia, baixa fantasia, fantasia de portal, fantasia imersiva ou fantasia intrusiva), ora em relação aos temas e/ou estéticas aos quais se hibridiza (fantasia épica, histórica, sombria, urbana, científica, distópica etc.).

Diante desse contexto, o presente número 18 da Revista *Jangada*, da Universidade Federal de Viçosa (UFV), reuniu textos de pesquisadores e pesquisadoras de diversas partes do Brasil e de outros países para refletirem sobre essa categoria de grande presença na literatura contemporânea. Dada a escassez de produção teórica sobre o assunto em língua portuguesa, incentivamos reflexões sobre as questões estruturais e temáticas do gênero, mas também nos interessamos, em particular, por artigos cuja análise fosse centrada em obras ainda pouco estudadas, extrapolando os contextos anglófonos onde a fantasia surgiu, e articulando relações entre as diversas mídias pelas quais ela se difundiu, como veremos pelos artigos selecionados.

Nosso dossiê se organiza em sete tópicos temáticos distintos que evidenciam a diversidade e pluralidade de abordagens possíveis em obras classificadas ou associadas à fantasia, ao qual se segue de uma seção *Vária*, com textos dedicados a outras vertentes do insólito ficcional. Os sete tópicos são: 1) *Reflexões teóricas sobre a fantasia*; 2) *Visões diacrônicas da fantasia: panoramas*; 3) *Análises sobre profantasias*; 4) *Fantasias Contemporâneas em língua inglesa, francesa e portuguesa*; 5) *Fantasias no audiovisual*; 6) *Entrevistas* e 7) *Resenha*. Falemos, pois, brevemente sobre cada uma das vinte e cinco excelentes contribuições que compõem nosso número.

O primeiro tópico traz importantes considerações teóricas sobre a fantasia. O primeiro artigo, intitulado **Theoretical and critical tendencies in Fantasy Literature: from Tolkien to Mendlesohn**, de Fabian Quevedo da Rocha, discute os postulados acerca da literatura de fantasia propostos pelos teóricos J. R. R. Tolkien, Brian Attebery e Farah Mendlesohn. Partindo da discussão dos elementos centrais das produções, o autor argumenta que as mudanças na forma com a qual a fantasia como gênero literário se apresenta, em diferentes momentos histórico-geográficos, estão relacionadas com as demandas sociais do contexto das obras. Já no segundo artigo, intitulado **Speculative fiction: The process of Hybridization in Science Fiction and Fantasy Literature**, de Naiara Araújo e Lívia Gomes, as autoras discorrem sobre o processo



de hibridização nas narrativas literárias de ficção científica e fantasia partindo do pressuposto de que as primeiras obras da literatura especulativa não pretendiam abranger uma única categoria genérica, dado seu diálogo com as mudanças epistemológicas e sua estreita ligação com os discursos religiosos e/ou mitológicos.

O segundo tópico oferece ao leitor visões diacrônicas da fantasia. O texto **Cosmogonia da fantasia francesa: gênese e emancipação**, de Marie Lucie Bougon, aborda a fantasia e sua aparição tardia na França, razão pela qual a literatura de fantasia de expressão francesa se afirma e se singulariza com o *french touch* que a torna um mundo à parte. Em seguida, o artigo **Uma Viagem pela Fantasia Italiana**, de Erica Cnapich, aborda a formação da fantasia enquanto categoria literária, na Itália. Sua análise revisita a Idade Média, explora a épica cavaleiresca e os contos de fadas, depois, as obras de Italo Calvino. Para a autora, esses três são alguns dos principais *momentos* que criaram um terreno fértil para a fantasia nascer e crescer em solo italiano. Ainda em uma visão panorâmica e diacrônica, o artigo **La fantasy au théâtre : identification et expérimentation du genre sur la scène théâtrale**, de Charles Louarn, apresenta a abordagem da fantasia no espaço teatral por meio de sua identificação e experimentação. Segundo o autor, a aliança entre teatro e fantasia nunca é abordada pela crítica o que, por vezes, leva muitos a crer em sua inexistência no teatro.

O terceiro tópico trata dos antecessores da fantasia moderna, no que podemos chamar de “protofantasia”. Aqui encontraremos tanto gêneros que apresentaram e estabeleceram temas e estruturas que viriam a ser desenvolvidas pela fantasia moderna ao longo dos séculos XX e XXI, quanto escritores e escritoras cujas obras contribuíram de forma decisiva para a evolução da fantasia, mas que ainda carecem de maior reconhecimento ou visibilidade por parte tanto do público leitor quando da academia.

Em **Rudiments of contemporary Fantasy in Madame D’Aulnoy’s Fairy Tales**, Paulo César Ribeiro Filho defende a hipótese de que uma série de rudimentos estruturais da fantasia contemporânea já estariam presentes na contística feérica de autoria feminina do século XVII francês. Em seguida, já no contexto do século XIX, Marcos Pereira e Epaminondas Magalhães propõem em **As bases psíquicas da fantasia, o processo de individuação e a humanização em Pinóquio** uma reflexão sobre as instâncias inconscientes imagéticas, simbólicas e arquetípicas da fantasia, a partir do personagem de Carlo Collodi, no processo de transposição de estágios psíquicos, do autoconhecimento, do conhecimento de mundo e do processo de



individualização. Ainda no quadro da era vitoriana, no artigo **Inocência nos diferentes espaços de A Princesa e o Goblin, de George MacDonald**, Ana Laura de Brum Kury da Silva discute a importância da relação entre espaço e Natureza para o desenvolvimento do conhecimento na obra *A princesa e o goblin*, do escritor George Macdonald. Por fim, fechando o século XIX e o período da protofantasia, Mateus Dagios analisa em **A Fantasia de Andrópolis: O ano 3000 de Paolo Mantegazza como Utopia**, como o médico e sanitarista Paolo Mantegazza (1831–1910) imagina um futuro marcado por práticas higienistas e totalitárias por meio da estrutura da fantasia de portal proposta por Farah Mendlesohn.

Nossa quarta parte, reúne seis textos dedicados a obras de fantasia bastante contemporâneas escritas em língua inglesa, francesa e portuguesa, dentre as quais algumas internacionalmente conhecidas como as séries de J. K. Rowling e George R. R. Martin, sucessos nacionais como *Dragões de Éter* ou ainda obras ainda indisponíveis ao público brasileiro como é o caso dos romances assinados pela francesa Manon Fargetton e pelo português de Luís Corte Real.

Abrimos a seção com o texto **Silenciamento do nome Voldemort em Harry Potter: apontamentos sobre discurso e poder**, de Joseeldo da Silva Jr, que se volta à multimidiática série de Rowling numa abordagem inovadora, valendo-se tanto da análise do discurso quanto dos estudos de Michel Foucault para analisar as relações de poder. A este estudo, segue-se o trabalho de Murilo Filgueiras Correa, intitulado **Cárcere real – um esboço de toponálise ficcional em As Crônicas de Gelo e Fogo**, que se volta à extensa série para perceber o impacto que a construção espacial do universo secundário de Martin exerce na definição das personalidades das personagens, nomeadamente, da rainha-mãe, Cersei Lannister. Em seguida, o artigo **Fantasia e busca mítica na ficção new weird de China Mieville**, de George Amaral, numa abordagem que aponta o hibridismo latente do gênero *new weird* com outras categorias literárias e, nomeadamente, com a fantasia, debruça-se à obra do britânico China Mieville, *Estação Perdido*, de 2000, que inaugura o gênero, propondo uma nova forma de se fazer narrativas insólitas, em que se destaca grande preocupação político-social.

Em **Quand les femmes prennent les armes : l'écriture de la violence féminine dans la fantasy médiévalisante**, de Cassandra Simon e Antoine Geslin, afastamo-nos da fantasia *best-seller* anglófona, para direcionar o olhar para o romance francês *Les Illusions de Sav-Loar*, publicado em 2017, sob um prisma feminista, denunciando a violência às quais as personagens



femininas estão via de regra submetidas em obras de alta fantasia, ao mesmo tempo que demonstram como a obra de Fargetton propõe outras possibilidades de se escrever o feminino no contexto do gênero.

O tópico se encerra com dois artigos voltados à questão da intertextualidade, do dialogismo e da antropofagia em duas produções escritas em língua portuguesa. No primeiro, intitulado **Fantasia em Palimpsesto: Intertextualidade em *Dragões de Éter* de Raphael Draccon**, Sara Peres e Adélcio Cruz buscam as reminiscências ao universo dos contos de fadas, da cultura *pop* e dos videogames na obra mais conhecida de Draccon, importante autor nacional da cena fantástica contemporânea. Já em **Uma fantasia urbana portuguesa em mosaico: *O Deus das Moscas tem Fome*, de Luís Corte Real**, de Bruno Anselmi Matangrano, vemos como o autor português reconstrói uma Lisboa do passado, valendo-se de estruturas oriundas de gêneros diversos, como a história e a ficção alternativa, o romance histórico, a ficção policial, dentre outros, para criar uma fantasia urbana bastante original, gênero ainda bem pouco difundido nas letras lusitanas.

O breve quinto tópico reúne três interessantes contribuições que se afastam do *corpus* literário para se debruçar sobre as possibilidades da fantasia no âmbito do audiovisual. Em **Ch-ch-changes David Bowie's generic influence on Jim Henson's Labyrinth film franchise**, de Dean Liathine McDonald, vemos como o filme *Labirinto*, de 1986, antecipa e anuncia características que viriam a se firmar como traços da fantasia urbana, subgênero ainda muito recente em meados dos anos 80, ao mesmo tempo em que se preocupa em demonstrar o *worldbuilding* através da própria produção da obra cinematográfica. Isabelle-Rachel Casta, por sua vez, em seu ensaio **Les cris, la boue, le sang : Dracarys !Que le feu-dragon dévore tout....**, volta-se para a adaptação televisiva da obra de George R. R. Martin para analisar a relação entre mulher, como protagonista, e dragão, como animal ressignificado, numa perspectiva que dialoga a um só tempo com os estudos de gênero e com os estudos zopoéticos e animalistas. **O pequeno Naia contra o Rei dos Dragões: pensamento chinês em desenho animado**, de Luciana de Paula, por fim, traz uma reflexão sobre uma animação chinesa de 1979, baseada em uma lenda, buscando analisar como esta obra distancia-se de problemáticas maniqueístas e apresenta novas visões de mundo, ao se inserir numa cultura distinta do padrão dominante ocidental ao qual em geral temos mais acesso no continente americano e ao qual associamos a fantasia.

O dossiê se encerra com duas instigantes entrevistas e uma resenha. Em **Entrevista com Dimitra Fimi sobre Tolkien (bilíngue)**, Rafael Silva Fouto e Daniel Serravalle de Sá nos apresentam à célebre estudiosa da Universidade de Glasgow, instituição igualmente reconhecida por seu programa de estudos em fantasia, em uma conversa que se volta às questões próprias ao gênero e àquele a quem constantemente nos referimos como o pai da fantasia moderna: J. R. R. Tolkien. Em seguida, Vera Bulla guia uma conversa sobre processo criativo de mundos insólitos com a autora de *Viajantes do Abismo*, romance finalista do Prêmio Jabuti de 2020, na categoria Romance de Entretenimento, em sua **Entrevista com Nikelen Witter**. Bulla também assina a resenha que conclui nosso dossiê, intitulada **O desafio é amar: uma resenha de *Viajantes do abismo*, de Nikelen Witter**, evidenciando características fundamentais desta obra de difícil classificação, uma vez que hibridiza características da fantasia, da distopia, da ficção científica espacial e do *steampunk*.

Para fechar o número, trazemos quatro artigos de nossa seção *Vária* que, em geral, reúne contribuições de temática diversa; no entanto, para este 18º número da revista *Jangada* conseguimos reunir estudos que, sem se voltarem especificamente às particularidades da fantasia, aproximam-se, ao menos, da macrocategoria do insólito ficcional.

Carina Balzan e Ivone Massola abrem a seção com o estudo “**O Patinho Feio**”, de **Andersen: uma contribuição à infância sob as perspectivas da psicologia analítica e da psicanálise**, que nos traz uma interessante leitura de um dos mais célebres contos do escritor dinamarquês, à luz das disciplinas que com mais frequência se interessaram pelos contos de fadas ao longo do século XX. Já em **Assombrosas garotas em *Meninas*, de Maria Teresa Horta**, Elisangela da Rocha Steinmetz propõe uma nova abordagem de leitura a uma das mais importantes autoras portuguesas dos séculos XX e XXI, identificando elementos do fantástico tradicional todoroviano em quatro dos trinta e dois contos que compõem o volume *Meninas*, de 2014.

Por sua vez, Andre Rezende Benatti e Camila Araújo Pinto e Silva, em **Sobre monstros reais: uma análise de *Nada Del Otro Mundo*, de Antonio Muñoz Molina**, analisam a construção da monstruosidade em dois contos do livro do escritor espanhol, ao mesmo tempo em que investigam a função narrativa da personagem monstro em histórias de horror. O último artigo do número, **A Subjetividade complexa das pessoas Freaks em *American Horror Story: Freak Show***, de Tatiane Bonini e Natasha Costa, também se volta à questão da

monstruosidade, mas em sua particularidade não-insólita, a partir da célebre série antológica televisiva de Ryan Murphy e Brad Falchuk.

Diante desse extenso e variado conjunto, que não apenas apresenta múltiplas abordagens para a investigação no campo ainda novo em nossas letras da fantasia, enquanto gênero autônomo no âmbito das vertentes do insólito ficcional, mas também demonstra sua pluralidade em diferentes épocas, países e línguas, esperamos contribuir para sua expansão e difusão no Brasil. De maneira mais abrangente, esperamos ter contribuído para os estudos do insólito ficcional no contexto universitário brasileiro, promovendo o diálogo interinstitucional, internacional e interlinguístico, a partir de um gênero tão arraigado na sociedade contemporânea.

Com nossos votos de boa e proveitosa leitura,

Alexander Meireles da Silva - UFCat
Bruno Anselmi Matangrano - UFPel
Naiara Sales Araújo Santos - UFMA
Editores deste número